



REPORTAGEM E RETÓRICA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA SOBRE O FILME “TROPA DE ELITE”

LIMA, Amauri de (UNIOESTE/Cascavel)*

RESUMO: O presente trabalho tem como objeto de análise a reportagem “Pegou Geral”, publicada pela Revista *Veja*, edição nº 2030, de 17 de outubro de 2007, que faz referência ao filme *Tropa de Elite* (2007), de José Padilha. A reflexão recai especificamente sobre o texto “A realidade, só a realidade”. Nele apresenta-se uma posição discursiva, permite-nos discutir sob qual perspectiva Tropa de Elite interfere nos quadros de referência dos sistemas simbólicos – polícia e bandido. A análise parte de representações, do sentido e dos discursos, aproximando estudo de caráter antropológico com a perspectiva intersubjetiva nos moldes da Análise do Discurso (AD).

PALAVRAS-CHAVE: Cinema; discurso; representação.

ABSTRACT: This paper is a subject of analysis to be reportage “Catch General”, published by *Veja Magazine*, number 2030, 17 October, 2007, that refers to the film *Tropa de Elite* (2007), by José Padilha. The reflection falls specifically about the text “The reality, only reality.” It sets up a discursive position, allows us to discuss on what perspective *Tropa de Elite* interfering in the frames of symbolic systems - the police and the thief. The analysis is based on representations of meaning and discourse, bringing an anthropological study of the intersubjective perspective in the manner of Discourse Analysis (DA).

KEYWORDS: Movies, speech, representation

INTRODUÇÃO

Parece-nos bastante naturalizado: o brasileiro não tem uma identidade determinada. Ela se transforma constantemente, seja por conta dos discursos, marcados principalmente por pressões sociais como nos momentos de ditadura, abertura política ou corrupção, seja por intempestivos choques culturais retratados ora pela música, ora pela televisão, ora pelo cinema, ora pela imprensa, enfim, pela mídia. Em cada caso a identidade é construída a partir de um imaginário que autoriza um traço agregador, uma construção da imagem de si mesmo e do outro, permitindo que o indivíduo constitua, por consequência, uma representação de sociedade.

Os cineastas, em particular, têm uma possibilidade ímpar de revelar o mundo e a vida por meio das imagens e das palavras, conjugadas em um espaço e em um

tempo que eles próprios manipulam e, por isso, corroboram no mecanismo de construção do imaginário social. Acredito que o filme “Tropa de Elite” (2007) marca um destes momentos de efervescência da idéia de pensamento coletivo. A coletividade autoriza o enredo do filme, basta acompanhar o grande número de pessoas que o assistiram e aprovaram o filme mesmo antes de seu lançamento oficial.

Por considerar que *Tropa de Elite* pode ser índice de representação do pensamento social, pretende-se, tomando como objeto de análise a reportagem “Pegou Geral”, publicada pela Revista *Veja*, edição nº 2030, de 17 de outubro de 2007, na qual ao apresentar subtítulos como “A realidade, só a realidade”, “Abaixo a mitologia da bandidagem”, e “Máquina letal contra o crime”, além do artigo “Capitão Nascimento bate no Bonde do Foucault”, cria um conjunto de estratégias lingüístico-discursivo para atribuir conceitos de veracidade à obra cinematográfica, ao mesmo tempo em que difunde uma visão política sobre o problema da violência no Brasil. A reflexão recai especificamente sobre o texto “A realidade, só a realidade”, assinado pelo Jornalista Marcelo Carneio. Nele apresenta-se uma posição discursiva que complementada por dados quantitativos sobre a aceitação do filme pela sociedade, permitindo discutir sob qual perspectiva *Tropa de Elite* interfere nos quadros de referência dos sistemas simbólicos – polícia e bandido – já que, segundo o instituto Vox Populi, o filme atinge aprovação de pelo menos 80% das pessoas que o assistiram. Para dar conta desta investida, a análise terá como subsídios as categorias de indivíduo e pessoa (Da Matta, 1997), a centralidade das imagens e da representação na constituição da vida social (Foucault, 1990; Laplantine & Trindade, 1997 e Jost 2004) e os artifícios da linguagem (Bakhtin, 1996, Bourdieu, 1998 e Possenti, 1993). O estudo das representações, do sentido e dos discursos, nesta perspectiva, portanto, está intimamente ligado ao estudo de caráter antropológico, bem como de caráter intersubjetivo nos moldes da Análise do Discurso (AD).

A razão de ser deste trabalho é a análise da constituição da representação da identidade do brasileiro. A “voz social” que autoriza filmes como “Tropa de Elite” pode contribuir para conhecermos o brasileiro hoje, não de forma definitiva, mas de maneira tal que possamos entender por onde a nossa identidade passa para adentrar ao cenário social.

I. IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO

De acordo com Laplantine & Trindade (2003, p. 10) não concebemos as imagens como passivas, pois constituem-se a forma como, em momentos diversos, percebemos a vida social, a natureza e as pessoas que nos circundam: construídas

no universo mental, superpõem-se, alteram-se, transformam-se. Segundo eles o “real é a interpretação que os homens atribuem à realidade”. Esta é, sem dúvida, uma ótima afirmação para iniciarmos nossa discussão. Se o real é a interpretação da realidade, temos subsídios para afirmar que “Tropa de Elite” não é realidade, mas, a priori, sua interpretação. Isso se considerarmos que a arte cinematográfica é o real, coisa bastante difícil, pois o cinema é, na verdade, a representação de uma representação imaginária.

Ao trazer à tona a discussão sobre a violência e tráfico de drogas o filme de José Padilha mexe com símbolos como polícia e bandido. Ocorre que, por uma questão cultural e histórica, que não vamos aqui nos aprofundar, polícia e bandido no Brasil não representam necessariamente o bem e o mal, respectivamente. Há momentos em que estes papéis são invertidos e, por conta da herança cultural, a sociedade os legitima. Portanto, ao afirmar que “bandidos são bandidos, e não ‘vítimas da questão social’ e que “há policiais corruptos, mas também muitos que são honestos”, a reportagem da revista *Veja* suscita um reenquadramento de uma das facetas da identidade nacional, ou seja, a instituição ora desacreditada – polícia – passa, pelas cenas de um filme, a ser merecedora de prestígio e os bandidos, outrora romantizados, perdem a defesa da “tela”, outrora uma de suas principais “aliadas”.

Para tentar descobrir “o que faz o Brasil, Brasil”, e entender situações semelhantes a esta, Da Matta (1997), apesar de não ser a violência seu propósito de pesquisa, ao tentar responder temas como: o que é indivíduo, o que são relações sociais e como se percebe as diferenças históricas e culturais que conferem uma especificidade toda própria a cada sociedade singular, traz contribuições essenciais para discutir a identidade nacional. Sua obra mais importante, *Carnavais, malandros e heróis* (Da Matta, 1981), orienta-nos por esta análise, pois aponta caminhos para o entendimento sobre nossos malandros e nossos heróis. Visto como herói por 53% das pessoas que assistiram ao filme – conforme relata a reportagem – o personagem principal do filme, Capitão Nascimento (interpretado por Vagner Moura) revela a especificidade dualista que constitui o brasileiro, ou seja, o espectador vê a si mesmo no personagem. Esta especificidade dualista, na visão de Da Matta (1997) é formada pelas categorias de indivíduo e pessoa. Pessoa se definiria como um ser basicamente relacional, uma noção apenas compreensível, portanto, por referência a um sistema social onde as relações de compadrio, de família, de amizade e de troca de interesses e favores constituem um elemento fundamental. No indivíduo teríamos, ao contrário, uma contigüidade estrutural com o mundo das leis impessoais

que submetem e subordinam.

Ao revelar estes dados, portanto, a reportagem sub-julga a aceitação do filme pela aproximação das características do personagem com o cidadão comum. A reportagem afirma que “Nascimento é um ser humano devastado. Sofre de síndrome do pânico, consome vorazmente remédios de tarja preta e suas explosões freqüentemente resultam em ações que extrapolam o manual do Bope.” Retirada a palavra devastado, que pode receber inúmeras interpretações, o restante do exposto pode ser um relato fiel de grande parte da população brasileira, o que dá ao filme um caráter de contrato entre obra e espectador.

2. CONTRATO X PROMESSA

O pesquisador francês François Jost formulou questões que a teoria do contrato supunha resolvidas. Com efeito, contrato de ficção não responde à questão essencial das mídias hoje: quando uma emissão é ficção ou não, realidade ou não? O público sabe o que é esse famoso contrato? Estas questões o levaram a um conjunto de conceitos que se estruturam como um sistema. Segundo Jost (2004) muitos filmes, hoje, posicionam-se contra o contrato de ficção, ao dizer “é uma história verdadeira”. Para ele

É necessário, então, olhá-los como histórias verdadeiras? Claro que não! As emissões se pretendem tele-realidade? É preciso acreditar nisso? Claro que não. O contrato supõe resolvidas todas essas questões (para dizer a verdade, ele não as propõe). Tudo que se pode dizer, no sistema atual de aplicação dos gêneros, é que sua difusão nos faz a promessa de que tal ou tal documento possui qualidades próprias de tal ou tal gênero; é o mesmo funcionamento da publicidade que nos promete determinado benefício material ou simbólico se nós adquirirmos tal produto. Mesmo que essa promessa possa ser ilusória para produtos de consumo, ela também pode ser para os produtos simbólicos. Tudo depende da capacidade do espectador de exigir que esses atributos se encontrem no produto, o que é um segundo problema. (JOST, 2004, p. 171)

Tropa de Elite parece atenuar este problema. Certamente muitas pessoas não sabem diferenciar ficção e realidade. Jost (2004) afirma que é preciso dizer claramente que muitas pessoas não sabem o que é uma ficção. O contrato de ficção é assim um saber sobre a ficção, saber de leitor advertido que está, às vezes, bem longe das crenças do homem comum. Em síntese ele quer dizer que em filmes como *Tropa de Elite* não há um contrato entre emissor e o público, mas sim uma promessa, pois o público não está qualificado para separar realidade e ficção. Segundo Jost

(2004)

Uma promessa é um ato em dois tempos: um emissor faz uma promessa sem ter necessidade do acordo do receptor; o receptor, por sua vez, verifica se ela foi mantida. O contrato é um ato instantâneo que se apóia sobre um acordo firmado entre duas partes: como o público não pode dizer nada de antemão, o que se chama contrato é de fato a fala do emissor, isto é, o que ele diz do programa por meio das apresentações, dos dossiês de imprensa, dos anúncios, etc... é uma simples promessa. (JOST: 2004, p. 172)

Neste caminho *Tropa de Elite* é o que é pela fala de seu próprio emissor (leia-se diretor do filme) e, principalmente pelos “dossiês” preparados pela imprensa desde o final de 2006, quando o filme acabara de ser rodado. Tomemos como exemplo o título de matéria de um dos principais jornais do país: “Tropa de Elite de José Padilha explica por que polícia é o que é” (Folha de São Paulo, 29/12/2006).

Estes “dossiês”, de certa forma, contribuem para a sociedade formular respostas para questões fundamentais como estas: como conceber o sujeito? Como ler um texto? Como articular sujeito / texto / entorno? Direta ou indiretamente todas as respostas podem ser encontradas na reportagem “Pegou geral” que serve como corpus para este trabalho.

3. LINGUAGEM E RETÓRICA

Ainda no lide da manchete “Pegou Geral”, apresentada logo na capa da Revista, temos os seguintes dizeres: “O filme *Tropa de Elite* é o maior sucesso do cinema brasileiro porque trata bandido como bandido e mostra usuários de drogas como sócios dos traficantes”. Para muitos esta afirmação situa a mídia como um aparelho ideológico de dominação, por outro lado há aqueles que entendem sua polissemia como forma inevitável de exercer participação construtiva numa sociedade de conflitos, mesmo sem intenção.

Ao nosso ver, é exatamente o conjunto de reflexões polissêmicas que presentifica múltiplas dialogias e produções de sentidos acerca da reportagem. Como ator social com voz e posicionamentos próprios sobre o assunto, com lugar respeitado de diálogo com os leitores, a reportagem, muito mais que simples comentário sobre uma obra ficcional, mostra-se como espaço de expressão da dinâmica das lutas hegemônicas de um tempo e lugar. Em síntese, conforme lembra Pêcheux (1993) é impossível analisar um discurso como um texto, isto é, como uma sequência lingüística fechada sobre si mesma, mas que é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção. Por

isso, conforme orienta Possenti (1988), para o trabalho da AD deve haver a presença da teoria lingüística, porém com nada de inatismo ou radicalismo estruturalista, de forma que a teoria considere a língua como trabalho e atividade e uma teoria auxiliar, no nosso caso a sociologia, para fornecer à lingüística informações relevantes, quando necessário.

Tendo em mente que o “lugar” determina a força dos argumentos e influencia a maneira como são recebidos é importante ficar atento para a prática discursiva adotada pela revista para mediar o processo de comunicação. Desta forma os trechos selecionados revelam o poder retórico da reportagem, que no nosso entender, tem como endereço uma crítica ao poder governamental. Além disso, uma segunda característica marca estes recortes textuais. Eles abordam o caráter de veracidade do filme. Vejamos, então, alguns dos fragmentos (F) selecionados para análise:

F1 - “Tropa de Elite” é uma obra de ficção. Mas retrata com uma fidelidade jamais vista como a criminalidade degradou o Brasil de alto a baixo.

F2 - O pesadelo real ganha ainda mais nitidez.

F3 - Tráfico de drogas, o nervo mais exposto de um país em desordem e refém do medo, é tema comum na cinematografia nacional recente. A diferença é que esse filme o aborda pondo os pingos nos is.

F4 - A brutalidade de alguns policiais pode ser explicada pelo grau de penúria e abandono que o estado lhes reserva.

F5 - Ditas de maneira tão simples, essas verdades parecem de uma obviedade ululante. E são.

F6 - Mas o Brasil, infelizmente, é um país de idéias fora do lugar por causa da afecção ideológica esquerdista que inverte papéis, transformando criminosos em mocinhos e mocinhos em criminosos.

F7 - Seria até de esperar que o desespero dos brasileiros em relação à segurança se traduzisse numa proporção ainda mais larga de pessoas aptas da tortura policial.

Pensamos, portanto, nesta prática discursiva alguns mecanismos lingüísticos para destacar as estratégias argumentativas que mediam o processo de comunicação direcionado a estabelecer determinado ponto de vista sobre a situação político-social do Brasil. Propomos, desta forma, revelar que o texto não é neutro, pois de acordo com Pecheux (1993) para a AD o sentido não é compreendido como uma unidade fixa, mas está ligado a uma perspectiva de língua histórica e social.

Em *F1* as palavras *fidelidade* e *degradou* remetem ao nosso comentário inicial – o poder retórico da reportagem – revelando que o texto está direcionado a destacar a falta de operacionalização do Estado, bem como propor um tom de verdade direcionado ao filme. Em *F2* novamente o adjetivo *real* evoca o discurso de

representação da realidade social. Em *F3* mais uma vez as expressões *país em desordem* e *pingos nos is* repetem a retórica sobre a argumentação de veracidade e crítica ao as instituições governamentais, respectivamente. Em *F4* a característica de crítica está exposta por meio da própria palavra *estado*. Esta retórica se fortalece em *F6*, quando expressões como *um país de idéias fora do lugar e afecção ideológica esquerdista que inverte papéis*, reforçam o papel ideológico do texto. Em *F5* é o discurso sobre a verdade que predomina, marcado pelas palavras *verdades* e *obviedade*, porém em relação ao apelo a veracidade e a fidelidade do filme a reportagem deixa de tocar em algo imprescindível: a ficção está no campo da verossimilhança e não no da verdade. Por último, em *F7* a palavra *desespero* ganha tom político quando se refere a questão da segurança e, por consequência, também tem como interlocutor o Estado.

Como vimos o texto apresenta rica relação entre retórica e discurso. Trata-se de uma relação constituída de um diálogo partilhado entre um produtor e um receptor, ou seja, aquele que argumenta sempre, por princípio, dirigi seu discurso a alguém. Tomando como base o apontamento de Bakhtin (1996) que nos leva a refletir que todo “querer-dizer do locutor se realiza acima de tudo na escolha de um gênero do discurso” e que “os gêneros do discurso constituem um fator de considerável economia cognitiva, de forma que, quando um indivíduo fala/escreve ou ouve/lê um texto, ele antecipa ou tem uma visão do texto como um todo acabado”, podemos concluir que, por razões até mesmo de economia cognitiva, o leitor recebe o texto como mensagem definitiva, cristalizada. Essa aceitação pode ser explicada por pelo menos duas situações. A primeira pelo prestígio que o meio de comunicação desperta e a segunda porque os discursos seguem aquilo que Bourdieu (1998, p. 66) chama de formações de compromisso, que é a soma daquilo que deve ser dito e a censura inerente a relações particulares de produção lingüística. Para Bourdieu (1998),

Todo ato de fala e, de um modo geral, toda ação é uma conjuntura, um encontro de séries causais independentes: de um lado, as disposições, socialmente modeladas, do habitus lingüístico, que indicam uma certa propensão a falar e a dizer coisas determinadas (...); do outro, as estrutura do mercado lingüístico, que se impõem como um sistema de sanções e de censuras específicas. (BOURDIEU, 1998, p. 24)

Estar atento a estas condições de produção é um dos passos importantes para analisar textos jornalísticos do porte da revista *Veja*, pois de acordo com o próprio Bourdieu (2000, p. 27) “não existem mais palavras inocentes. Cada palavra, cada locução ameaça assumir dois sentidos antagônicos conforme a maneira que o emissor e o receptor tiverem de interpretá-la.” Da mesma forma Foucault (1990)

parece que coloca pontos definitivos nesta discussão sobre análises de imagens. Segundo ele,

Por mais que se diga o que se vê, o que se vê não se aloja jamais no que se diz, e por mais que se diga o que se vê, o que se está dizendo por imagens, metáforas, comparações, o lugar onde estas resplandecem não é aquele que os olhos descortinam, mas aquele que as sucessões da sintaxe definem. (FOUCAULT, 1990, p. 25)

As materialidades discursivas permitem avaliar o que/como a sociedade diz o que diz, entretanto não se diz o que se diz por autonomia racional, mas se diz de forma natural, verdadeira. O discurso cria uma realidade supra-social que de certa maneira é capaz de conduzir a sociedade. Assim, a análise do discurso permite-nos avaliar como se pensa hoje. Se o discurso é passível de mudança é possível também estabelecermos reflexão sobre ele para mudarmos um pouco a sociedade.

CONCLUSÃO

A constituição da nossa identidade não pode ser facilmente definida, porém quando nos deparamos com índices coletivos que nos orientam para um mesmo imaginário social, devemos estar atentos para analisar sociedade que o autoriza. O filme "Tropa de Elite" revela uma faceta do mecanismo de construção deste imaginário social e a reportagem da Revista Veja, aqui analisada, deixa transparecer esse tom discursivo que determina a sociedade. Bourdieu (1998, p. 64) afirma que as condições de recepção antecipadas fazem parte das condições de produção, e a antecipação das sanções do mercado contribui para determinar a produção do discurso. Nesse sentido a matéria é o que é pela própria manifestação do sucesso do filme. O conjunto de estratégias lingüístico-discursivo utilizados pela reportagem para atribuir conceitos de veracidade à obra cinematográfica e ao mesmo tempo difundir uma visão política sobre o problema da violência no Brasil representa, em parte, aquilo que o cidadão comum do Brasil pensa. Os enunciados simulam, repetem uma posição discursiva para despertar a atenção do espectador. O desejo de que a polícia haja como polícia e o bandido receba o tratamento merecido é um anseio da população. Daí filme, reportagem e povo repetirem a mesma retórica: nossas autoridades não conseguem contornar a violência. Em momentos como este dificilmente sabe-se quem é herói e quem é bandido e aguarda-se por aqueles que indiquem quem é quem. A revista Veja faz este trabalho. Mas não é a única. Os "dossiês" sobre o filme foram iniciados

ainda em 2006 e construíram o caminho para o sucesso do filme.

A análise da reportagem não dá conta por si só de refletir sobre a constituição da representação da identidade do brasileiro, contudo uma coisa é certa: nossa identidade é, sem dúvida, construída pela mídia e seus “dossiês”, que apontam como o brasileiro deve ser hoje para estar apto a participar do cenário social. O estudo permite antecipar que o objetivo de uma argumentação não é deduzir as consequências de certas premissas, mas provocar e reforçar a adesão do público às teses que são apresentadas ao seu assentimento. Desta forma a análise permite observar que elementos persuasivos estão prontos para provocar a aceitação da audiência, influenciando pessoas, orientando seus pensamentos, de forma que o discurso esteja disposto de maneira tal que seja a própria fala do leitor.

Data de recebimento: 28/11/2009

Data de aceite para a publicação: 28/10/2010.

NOTAS

* Mestrando em Letras: Linguagem e Sociedade, pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), área de concentração Linguagem e Interfaces Culturais. amauridelimal@yahoo.com.br

REFERÊNCIAS

ARANTES, Silvana. “Tropa de Elite” de José Padilha explica por que polícia “é o que é”. São Paulo: Folha de São Paulo, acesso em 07 de fevereiro de 2007. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u67237.shtml>

BAKHTIN, Mikael. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1996

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer* (Trad. Sergio Miceli e outros) São Paulo, Edusp, 1998

CARNEIRO, Marcelo. Pegou Geral. Revista Veja, edição 2030, 17 de outubro, de 2007. Acesso em 07 de fevereiro de 2008. Disponível em http://veja.abril.com.br/171007/p_080.shtml

CHARTIER, Roger. Introdução: *Por uma sociologia história das práticas culturais*. In: *A história*

cultural: entre práticas e representações. (Trad. Maria Manuela Galhardo). Rio de Janeiro: Difel, 1990.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997

FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

_____. *Microfísica do Poder*, Rio de Janeiro: Graal, 1999

_____. *Isto não é um cachimbo*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2002

LAPLANTINE, François e TRINDADE, Liana. *O que é imaginário*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

JOST, François. *Entrevista para Revista Fronteiras*. Porto Alegre: Unisinos, 2004

POSSENTI, Sirio. *Discurso Estilo e Subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes, 1993

PÊCHEUX, Michel. *Análise automática do discurso (AAD 69)*. In GADET, Façoise & HAK, Tony. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp, 1993

PADILHA, José. *Tropa de Elite*. Rio de Janeiro: Zazen Produções, 2007.

SOBRE O AUTOR:

Amauro de Lima é Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, área de concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná Unioeste/Cascavel. É professor da Rede Estadual de Educação/Paraná e também professor da FAMA - Faculdade de Matelândia.